

Quem cuida de quem cuida? As redes sociais em tempos de combate à pandemia da COVID-19 contra as fake news.

O caso do Instagram e do WhatsApp da Rede de Solidariedade de Segurança do Trabalho no Piauí



Orlando Maurício de
Carvalho Berti¹

Resumo: Se os que cuidam são bem cuidados, podemos ter melhores atos de acolhimento, notadamente entre os profissionais que trabalham na gama dos serviços de saúde. Entremeio ao caos diário, principalmente na saúde pública, apresentamos os trabalhos comunicacionais de acolhimento a quem está diretamente no enfrentamento à COVID-19 no território piauiense. Trazemos o estudo de caso da Rede de Solidariedade de Segurança do Trabalho no Piauí e seu balizamento via Instagram e WhatsApp para a promoção, vivência, acolhimento e combate às fake news de quem cuida de quem cuida no estado. Tenta-se explicar como estão ocorrendo os novos normais e a importância do acolhimento e da utilização dos meios de comunicação virtuais nesses enfrentamentos de períodos pandêmicos.

Palavras-chave: Redes sociais; fake news; COVID-19; Piauí.

¿Quiénes son los que se preocupan por los que se preocupan? Redes sociales en tiempos de lucha contra la pandemia COVID-19 contra noticias falsas. El caso de la Red Solidaria de seguridad laboral en Instagram y WhatsApp de la provincia de Piauí, Noreste de Brasil

Resumen: Si los que reciben atención están bien atendidos, podemos tener mejores actos de bienvenidas, especialmente entre los profesionales que actúan en la gama de servicios de salud. En medio del caos diario, especialmente en salud pública, presentamos una

¹ Pós-doutor em Comunicação, Região e Cidadania pela UMESp – Universidade Metodista de São Paulo. Doutor em Comunicação Social pela UMESp, com estágio doutoral na Universidad de Málaga (Espanha). Mestre em Comunicação Social pela UMESp. Especialista em Comunicação Institucional pela UFPI – Universidade Federal do Piauí. Especialista em Docência Superior pela FSA – Faculdade Santo Agostinho. Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo – pela UFPI. Professor, pesquisador, extensionista e diretor de Relações Internacionais da UESPI – Universidade Estadual do Piauí. Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais da UESPI.

investigación en comunicación como temas de acogida aquellos que trabajan directamente en la lucha contra COVID-19 en el territorio de la provincia de Piauí, Noreste de Brasil. Traemos un estudio de caso de la Red Solidaria para la Seguridad Laboral en Piauí y su baliza a través de *Instagram* y *WhatsApp* para promover, experimentar, dar las bienvenidas y luchar contra las noticias falsas de quienes se preocupan por quienes se preocupan por la situación de la provincia. Tratamos de explicar cómo están ocurriendo las nuevas normales y la importancia de dar la bienvenida y usar los medios virtuales en estas confrontaciones de períodos de pandemia.

Palabras clave: Redes sociales; fake news; COVID-19; Provincia de Piauí.

COVID-19 pandemic against fake news.

The case of the Instagram and Whatsapp on the Occupational Safety Solidarity Network, in Piauí

Abstract: If those who take care are also well-cared, we may have better acts of welcoming, notably among professionals who work in the range of health services. In the midst of the daily chaos, especially in public health, we present a communication work of welcoming to those who work directly confronting COVID-19, in Piauí State, Northeast of Brazil. We bring the study case of the Occupational Safety Solidarity Network, in Piauí, and its basis for understanding Instagram and Whatsapp in order to promote, experience, welcome and fight the fake news of those who take care of the ones who take care in the state. We try to explain the “new normal” and the importance of welcoming and the use of virtual media in dealing with pandemic times.

Keywords: Social networks; fake news; COVID-19; Piauí State.

1 Introdução

O ano de 2020 será memorável para boa parte da população mundial. A menos que alguém esteja morando em algum lugar isolado ou perdido no meio de um oceano ou área de selva, longe de qualquer meio eletrônico de comunicação e distante de diálogo entre pessoas nos últimos meses, a COVID-19 terminou atingindo a todos, direta ou indiretamente. As consequências pandêmicas da doença que parou praticamente o mundo são chamadas de “novo normal”. E são sobre esses novos normais que pretendemos debater e discutir.

Diariamente, vemos noticiários trazendo aumento do número de

infectados e falecimentos. Acompanhamos histórias dos invisibilizados pela pandemia. Notamos as mudanças drásticas consequentes desse mal que foi registrado pela primeira vez no interior da China. Espalhou-se entre o final de 2019 e início de 2020 para parte do Mundo. A doença tornou-se pandêmica em março. Até abril já tinha atingido todos os países. E de lá até o início do primeiro semestre de 2020 (marco temporal do fim deste trabalho) promoveu caos, isolamento, dicotomias, aumento de fake news e provas de que a globalização, tão festejada neste século, não conseguiu dar conta de evitar a pior pandemia dos últimos 100 anos.

Durante a pandemia não podemos abraçar, beijar, às vezes, sequer ter contato direto com alguém. Deixamos de frequentar a maioria dos lugares públicos que nos dão prazer. Quase não podemos mais viajar, muito menos ver pessoas queridas, notadamente nossos pais, avós e bisavós. Em vários casos, por semanas, tivemos (e ainda temos) de ficar em casa. Alguns, por mais de quatro meses, não pisaram fora de suas residências. O termo “isolamento social” é tão normal e usado quanto à importância de continuarmos sobrevivendo. Outros tiveram de diariamente sair de suas residências para garantir o funcionamento do básico para a sobrevivência coletiva (supermercados, farmácias, postos de combustíveis, serviços de água, luz, gás, TV a cabo, internet, entre outros). Alguns tiveram de acompanhar os casos de quem se contaminou com a doença, trabalhando como médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais, maqueiros, recepcionistas, auxiliares de serviços gerais, agentes funerários e coveiros.

Várias justificativas são proeminentes na feitura deste trabalho. Uma delas é acadêmica, outra social e outra pessoal.

No campo acadêmico, justifica-se a tentativa de dar respostas sobre a obrigação de quem se considera docente, pesquisador e extensionista. É necessário fazer algo, a Academia precisava se mobilizar. E está se mobilizando, mesmo em períodos tão nebulosos. Por atuarmos no campo comunicacional, principalmente ligado às questões mais sociais, decidimos agir. Este artigo é uma resposta. Suas consequências são a empiria de uma ideia, plenamente apoiada pela instituição de ensino que atuamos e pela fundação estadual de pesquisa de nosso estado. No campo social, precisamos fazer algo em prol dos nossos semelhantes. Só dispensar os funcionários de nosso condomínio, isolar-se em casa, apregoar em nossas redes sociais fotos, textos e vídeos importantes sobre a temática não eram suficientes. Precisávamos agir mais. Surge o projeto desta pesquisa. No campo pessoal, destacamos o fato de morarmos em um bairro eminentemente de idosos, de pessoas que se isolaram, que precisavam ser respeitadas. Precisávamos intervir.

Por isso, é objeto deste artigo refletir sobre as ações

comunicacionais e consequências da Rede de Segurança do Trabalho no Combate e Prevenção à Pandemia de COVID-19 entre empresas públicas e privadas nos territórios de desenvolvimento do Piauí. É um trabalho acadêmico e empírico comunicacional, de atuação estadual e que pretende explicar, analisar, refletir, propor ações práticas e deixar heranças comunicacionais de como estão ocorrendo os novos normais, a importância do acolhimento, da disseminação de informações, para ter a consequência de cuidar de quem cuida e como seus esclarecimentos podem combater, notadamente, as fakes news, nesses enfrentamentos de períodos pandêmicos.

A problemática do artigo reside em responder o seguinte questionamento: se os que cuidam são bem cuidados, podemos ter melhores atos de acolhimento, notadamente entre os profissionais que trabalham na gama dos serviços de saúde; entremeio ao caos diário, principalmente na saúde pública? Como a comunicação, especificamente as redes sociais, mediatiza o cuidar de quem cuida e pode ajudar a combater a propagação de fake news?

O jornal O Globo (2020) relatava, ainda na terceira semana de maio, que o Brasil já tinha mais de cem médicos mortos pela COVID, sendo dois por dia. No mesmo período, o Jornal Nacional (2020) apontava que eram 108 enfermeiros mortos e mais de 4.100 contaminados. Se os que cuidam de quem cuida padecem, como cuidar do restante?

Metodologicamente, parte-se para um estudo de caso, balizado nos ensinamentos de Robert Yin (2005), no saber contar e destacar a evidência de um fenômeno. É feita uma pesquisa exploratória e de campo virtual, tendo como locus o Instagram e o aplicativo WhatsApp. O marco temporal do trabalho reside na análise de quase quatro meses, entre abril e julho de 2020, entremeio aos picos da expansão e platô da COVID-19 no Piauí. Até o marco temporal de finalização do trabalho, no início de agosto de 2020, a Universidade Johns Hopkins (2020) apontava que o Brasil passava dos 2.800.000 casos e rumava para as 100.000 mortes, em segundo lugar mundial. O Brasil continuava em curva ascendente de novos casos e falecimentos.

Para fins de facilitação de leitura, o trabalho é dividido em três partes.

A primeira, “*Redes sociais e fake news. Múltiplas realidades em tempos das pós-verdades*”, de caráter de fundamentação teórica, trata de contemporizar pontos reflexivos sobre as questões da profusão de redes sociais, bem como das notícias falsas (fake news) e como atingem a divulgação de campanhas massivas e, mais ainda, obstaculizam tempos de divulgação e de atos uníssonos em prol do combate a um mal maior.

A segunda parte, “*A Rede de Segurança do Trabalho no Combate*

e Prevenção à Pandemia de COVID-19 entre empresas públicas e privadas nos territórios de desenvolvimento do Piauí e sua utilização do Instagram e do WhatsApp”, de caráter de identificação do objeto, trata sobre o que é a Rede, suas faces e interfaces, frisando como ela pode ser instrumento de cuidados para quem cuida, por meio de uma rede virtual midiática de segurança do trabalho.

A terceira e última parte, *“Cuidando de quem cuida. Pontos e contrapontos do Instagram e do WhatsApp da Rede de Solidariedade de Segurança do Trabalho no Piauí. Ouvir o próximo para combater as fake news e evoluir a solidariedade comunicacional”*, de caráter analítico, trata de mostrar os resultados do trabalho da Rede, bem como elencar pontos que possam ser úteis para a criação de outras redes, explicação de novos atos de solidariedade, tão necessários na Era COVID-19 e, ainda, propor e refletir pontos que possam ser levados em conta na importância do cuidar e, principalmente, do cuidar de quem cuida.

Boa leitura!

2 Redes sociais e fake news. Múltiplas realidades em tempos das pós-verdades

O termo rede social parece até novo neste século de tantas novidades e de profusão frenética de conteúdo, mas há séculos as redes sociais fazem parte do mundo, interligando pessoas e promovendo contatos a quem não está necessariamente próximo fisicamente. Um dos exemplos mais céleres corresponde aos correios.

No final do século XX, as redes sociais virtuais ganharam status mundial e ampliaram os caminhos para uma revolução tecnológica e coletiva. Praticamente todas as pessoas, ou, ao menos, as pessoas que têm algum tipo de conexão via Internet, têm redes sociais. A ONU (2020), em sua última divulgação de dados no final de 2019, revelou que 4,1 bilhões de pessoas estão conectadas no planeta, ou 53,6% da população; mas os desconectados estão em um abismo de desigualdade. Destaca-se que a desconexão não significa não sofrer interferência dos conectados, pois estes, de maneira solidária ou manipulatória, retransmitem, retraduzem e compartilham o que acessam virtualmente por meio dos conteúdos da Rede Mundial de Computadores, aumentando consideravelmente o fluxo de informações, que até o final do século XX ainda eram homogêneas pelos meios convencionais e massivos de comunicação.

As redes sociais crescem, instigam e explodem em acessos. Viram um mecanismo comercial sem precedentes. Somem, outras se sedimentam, surgem novas sociabilidades. A vida precisa estar

conectada e mostrada nas redes. É quase um mantra nesse período de pós-verdades, de questões em que a autenticidade só é válida se for passada pelas redes.

Os resultados não tão positivos de tamanha explosão midiática e informacional são as consequências do fetiche da velocidade, já refletidas no início deste século por Sylvia Moretzsohn (2002). Esse fetiche é jornalístico e transformou comportamentos da imediatividade do compartilhamento de informações. Quase 20 anos depois da aplicação inicial do conceito, a imediatividade é dada em quase tudo o que é transmitido virtualmente, seja informacional, de entretenimento e até de pornografia. Quase tudo com consequências diretas nas vidas dos moradores do planeta, estando estes conectados ou não.

Tamanhos imediatismos têm também como consequência conteúdos cada vez mais exagerados, múltiplos, efêmeros, quase sempre sem dar tempo às possibilidades de filtragem. Ingredientes perfeitos para as fake news (notícias falsas). Elas terminam por confundir, propagar ódios, dicotomizar política, social, econômica e religiosamente a sociedade. Apesar de terem o noticiamento no nome, quase sempre as notícias falsas são o oposto do noticiamento convencional e histórico de fatos.

De acordo com o verbete do Dicionário de Cambridge (2020, online), as fake news são “histórias falsas que parecem notícias, disseminadas na internet ou usando outras mídias, geralmente criadas para influenciar opiniões políticas ou como uma piada: há uma preocupação com o poder das notícias falsas de afetar os resultados das eleições”.

Na segunda década deste século, ganharam tons mais abrangentes, notadamente nas questões eleitorais. Ultimamente, nas questões da saúde. Em 2016, segundo Angie Holan, o termo fake news foi considerado a mentira do ano pelo site de análises políticas *PolitiFact*.

Hossein Derakhshan e Claire Wardle (2017) identificam sete tipos de fake news: conteúdo enganoso; conteúdo fabricado; conteúdo impostor; conteúdo manipulado; falsa conexão; falso contexto e sátira ou paródia. Cada um mais perigoso e mais gerador de preocupações, dada sua multiplicidade. Esses sete tipos, cada um a seu efeito explosivo e manipulatório, têm consequências desastrosas quando são confundidos com assuntos sérios, principalmente em períodos de alta necessidade de informação.

Marco Aurélio Ruediger (2019) destaca que os avanços das fake news, propagadas por humanos e/ou robôs, impõem uma série de desafios sociais. Estes desafios ocorrem principalmente por causa da profusão de novas tecnologias, notadamente envolvendo máquinas, inteligência artificial, ciberespionagem, sistemas computacionais e

técnicas estatísticas complexas, tornando desafiadora a distinção entre verdade e mentira, sendo mais urgente a compreensão das notícias falsas, suas origens, motivações e finalidades.

Renê Braga (2018) enfatiza que as fake news se refugiam em meios de comunicação menos regulados (ou mais difíceis de regulação), sendo que a internet se torna a plataforma mais eficiente e menos arriscada para a profusão de notícias desabonadoras. O mesmo autor reflete que essa prática não é nova, trazendo históricos de como os impressos eram usados para difamar e difundir notícias. Ele ressalta o quanto a própria Internet é rápida e mais eficaz na contemporaneidade, refletindo, inclusive, não só as questões políticas, mas também, mais contemporaneamente, as questões econômicas.

Afonso de Albuquerque (2020) diz que as fake news surgem como cogumelos, do nada, e alerta que não é uma definição utilizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Sendo que ela trabalha com os termos:

disinformation e misinformation. Misinformation é informação errada e disinformation é a informação propositalmente errada. Fake news é um conceito mais popular, fácil de ser entendido. É um conceito que tem pouquíssima densidade teórica. É o mal do nosso tempo (ALBUQUERQUE, 2020, p. 193).

Para Luís Felipe Miguel (2019), contemporaneamente, o movimento que abre caminho para fake news é indissociável ao que gera circuitos alternativos de produção de informação, ampliando a necessária pluralidade do ambiente comunicacional. “Não queremos correntes de boatos pelo WhatsApp, mas tampouco queremos que a Rede Globo, a Rede Record, a revista Veja ou o jornal O Estado de S. Paulo sejam nossas únicas janelas para o mundo” (MIGUEL, 2019, p. 56).

[...] fomenta-se o exercício do direito à livre manifestação e profusão de ideias, estimulando o debate e propiciando o surgimento de meios de comunicação e informação descentralizados. Ademais, a numerosa criação de dados, informações e notícias em ambiente digital demonstrou duas facetas. A positiva, conexa ao acesso informacional e garantia do direito à liberdade de expressão. Lado outro, demonstra-se a negativa na medida em que impossibilita a verificação do conteúdo veiculado pelos diversos sujeitos, em função do grande volume de dados (GUIMARÃES; SILVA, 2019, p. 111).

Quando o assunto é saúde, as fake news podem ser ainda mais devastadoras e ter consequências mais maléficas, impactando expressivamente uma geração inteira. Vide as questões relacionadas, e polemizadas, com os tensionamentos e noticiamentos contra a vacinação e sobre determinados tipos de tratamentos médicos, aceitos ou rejeitados ao sabor de escolhas religiosas e ideais

político-ideológicos.

Segundo a Escola Nacional de Saúde Pública (2020), por meio de pesquisa no aplicativo *Eu Fiscalizo*, foi detectado um balanço parcial entre os meses de março e abril de 2020 que mostrou que há uma disseminação sistêmica, errônea e maldosa sobre como combater a pandemia de COVID-19. Constatou-se que

[...] entre as fake news denunciadas, 2,9% são contra o uso de álcool em gel, 2,9% declaram o novo coronavírus como teoria conspiratória, 1,4% são relacionadas à difamação de políticos, 1,4% declaram ter a causa do óbito de parentes alterada para Covid-19 e 0,4% consistem em charlatanismo religioso, com tentativa de venda de artefatos para a cura da doença. O estudo também aponta que 15,9% das fake news se referem à Covid-19 como uma farsa (ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA, 2020, online).

Heitor Pasquim, Marcos Oliveira e Cássia Soares (2020) trazem as reflexões sobre saúde, pós-verdade e fake news. Os autores sugerem que o crescimento destas fake news evidencia a necessidade de serem entendidas e combatidas. Por isso, mais do que entender e lutar contra as fake news, precisamos oferecer possibilidades de informação, principalmente de quem faz parte do campo comunicacional. Daí, entremeio também às questões do cuidar e do cuidar de quem cuida, é que apresentaremos a Rede, objeto da pesquisa e ação deste artigo.

3 A Rede de Segurança do Trabalho no Combate e Prevenção à Pandemia de COVID-19 entre empresas públicas e privadas nos territórios de desenvolvimento do Piauí e sua utilização do Instagram e do WhatsApp

O que podemos fazer para tentar ajudar em meio a tanto caos de saúde e comunicação? Esse foi o principal questionamento da proposição da Rede de Segurança do Trabalho no Combate e Prevenção à Pandemia de COVID-19 no Piauí. Por que o território piauiense? Justamente por ser o nosso lugar de fala e de atuações social, acadêmica, política e familiar. Propomos um lugar de fala de ação, bem ao estilo preconizado por Djamila Ribeiro (2019), no sentido de podermos intercalar nossas formações e vivências em prol do social.

A Rede foi criada como projeto de pesquisa acadêmica, com intervenção social e atuação virtual. Com a pandemia, agir no dia a dia era uma exposição perigosa, advertida pelas instituições de ensino superior e de pesquisa de nosso estado. Por isso, a escolha da utilização de meios virtuais para a empiria. A intenção de abranger o Piauí todo seria impossível de maneira física, pois o estado tem 224 municípios,

distribuídos em 251.616,8 quilômetros quadrados, com 3.273.227 habitantes, como destaca o IBGE (2020), trata-se de uma extensão territorial quase do tamanho de toda a Itália.

Buscou-se com a rede: implementar uma hub de divulgação e solidariedade, entre entes públicos e privados, para vivência coletiva na feitura de manuais colaborativos de segurança relacionados ao combate e à prevenção da pandemia do COVID-19 nos 12 territórios de desenvolvimento piauiense; incentivar a solidariedade e a colaboração, via mecanismos virtuais (WhatsApp e Instagram), para a troca de expertises e experiências sobre segurança do trabalho do estado para o combate e prevenção à pandemia; recomendar, entre entes públicos e privados do Piauí, respeitando as regionalidades e as características dos territórios de desenvolvimento, ações coletivas da segurança do trabalho durante o combate e prevenção à COVID-19 no estado; mapear a aplicação e a vivência durante o combate e a prevenção à pandemia da COVID-19 no Piauí nos territórios de desenvolvimento.

As metas foram: implementar a Rede no espaço de dois meses, a contar maio de 2020; vivenciar a Rede com consequências práticas, no máximo, a partir do segundo mês; refletir coletivamente a melhoria, para construção de materiais e produtos de segurança do trabalho, no prazo a partir do segundo mês; deixar uma herança acadêmica e social dos trabalhos da Rede, em termos públicos e privados, a partir do quinto mês de implementação dos trabalhos.

Metodologicamente, a Rede utiliza-se de pesquisas de cunho quanti-qualitativo, empregando procedimentos de pesquisa com levantamentos de campo virtual, por meio do incentivo de agentes públicos e privados do estado do Piauí para a implantação, organização, vivência e avaliação da Rede de Solidariedade de Segurança do Trabalho no Combate e Prevenção à Pandemia de COVID-19 no Piauí, o que representam, na prática, a feitura de manuais de segurança sobre essa questão pandêmica.

Pedro Demo (2000, p. 17) enfatiza que o questionamento sistemático consiste na grande marca da ciência, pois há uma valorização ao processo de elaboração argumentada (teórica e prática). E isso se pretende fazer metodologicamente neste trabalho. Concorda-se com o pensamento de Karl Popper (2004), ao dizer que nenhum conhecimento é inteiramente objetivo, sendo que os valores e crenças do pesquisador podem interferir no seu trabalho.

Carlos Jung (2004, p. 9) diz que a função da ciência é aperfeiçoar o conhecimento, possibilitando a substituição de conceitos anteriores por novos. A ciência, ainda na visão do autor, proporciona uma forma da humanidade buscar melhoria contínua em sua qualidade de vida, através da busca incessante de novos conhecimentos sobre o universo

de si própria.

Fred Nichols Kerlinger (1979, p. 15) afirma que o cientista é um esmiuçador de fatos, em que ideias estereotipadas devem ser substituídas pela compreensão das razões da preocupação com as evidências factuais.

Destaca-se também uma explicação científica para a investigação com as discussões trazidas por Pedro Marinho (1980, p. 16), ao enfatizar que a pesquisa é mais uma busca de respostas significativas do que a procura por respostas taxativas. “O conhecimento do mundo pelo método científico é o fim último da ciência” (BARBOSA FILHO, 1978, p. 5).

Para Maria Cecília de Souza Minayo (2009, p. 14), a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias, e está referida a elas, além de ser o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, incluindo de forma simultânea a teoria da abordagem, ou seja, o método, os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador, que seriam sua experiência, com capacidade e sensibilidade.

Arilda Schmidt Godoy (1995) alega que parte de questões ou focos de interesses amplos vão se definindo na medida em que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos, segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

A pesquisa qualitativa tem como uso a descrição do fenômeno, detalhando-o, para rumar a assuntos desconhecidos. Aborda a perspectiva do “outro”, faz leitura do fenômeno do ponto de vista concorrente, sendo o objeto empático, vê o outro lado. Além disso, aprofunda significados, com detalhamentos. “Na pesquisa qualitativa, por sua natureza, o processo é bem mais indutivo. Há uma exploração do tema de forma muito mais livre e aberta. O pesquisador está muito menos escravizado por seu instrumento” (CASTRO, 2006, p. 107).

Desta forma, são tidos como fases da execução da Rede: seu destaque e divulgação por meio de um perfil no aplicativo Instagram (@piauisemcovid) e da utilização do WhatsApp, por disparos de mensagens e recepções de materiais via conta comercial, no telefone (86) 9 8133 1012.

Uma das técnicas de divulgação é a postagem direta, realizada ainda nas primeiras semanas, a fim de atingir o máximo de público, para a Rede ser conhecida e receber mais conteúdos. Outro ponto da execução está na construção de conteúdos advindos dos agentes que estão na linha de frente do combate à pandemia, bem como a vivência das temáticas. A formação comunicacional da equipe da pesquisa está

presente para a filtragem dos conteúdos apresentados, bem como a correta socialização em termos jornalísticos e científicos do material. Esses materiais farão parte de manuais práticos para a socialização das ideias da pesquisa. Depois os materiais apresentados serão avaliados, a partir da realização de relatórios, o debate com os membros da Rede, bem como a apresentação de todo o material colhido. São feitos trabalhos específicos visando às peculiaridades dos 12 territórios.

Todas essas ações são realizadas para coibir fake news.

Metodologicamente, se faz necessário conhecer os territórios de desenvolvimento do Piauí. Partimos da classificação do Governo do Estado do Piauí a partir da Lei Complementar número 87, de 22 de agosto de 2007 (PIAUI, 2007), que trata sobre o Planejamento Participativo Territorial para o Desenvolvimento Sustentável do Estado.

Além dos municípios que fazem parte dos territórios de desenvolvimento, mencionamos que macrorregião eles fazem parte, área territorial em quilômetros quadrados, sua porcentagem relacionada ao total do território do estado e suas potencialidades. Os dados são prementes para mostrar-se e justificar-se a magnitude e necessidade da criação, ação e implementação da Rede.

O território dos Carnaubais² faz parte da macrorregião Meio Norte, com 20.231 Km² (7,8% do território piauiense), tendo como potencialidades econômicas: agroindústria de laticínios, bovinocultura de corte, plantação de cana-de-açúcar, extrativismo de babaçu e carnaúba, indústria do vestuário, mineração de rochas ornamentais, ovinocaprinocultura, suinocultura e turismo.

O território Chapada das Mangabeiras³ faz parte da macrorregião dos Cerrados, com 56.114 Km² (21,65% do território piauiense), tendo como potencialidades econômicas: agroindústria, com produção de aguardente de cana, polpas de fruta e óleos vegetais, agronegócio, notadamente com soja e milho, bovinocultura de corte e de leite, comércio e serviços, energia eólica e solar, extrativismo do buriti, fruticultura, horticultura, mineração de calcário corretivo de solo e para outros fins industriais, além de diamante e turismo.

O território Chapada Vale do Rio Itaim⁴ faz parte da macrorregião Semiárido, com 12.472 Km² (4,81% do território piauiense), tendo como potencialidades a agroindústria de doces e geleias, apicultura, bovinocultura de leite, energia eólica e solar, mandiocultura, mineração, vermiculita, gesso e rochas ornamentais e ovinocaprinocultura.

Enquanto isso, o território de Cocais⁵ faz parte da macrorregião Meio Norte, com 17.825 Km² (6,88% do território piauiense), tendo como potencialidades econômicas: a agroindústria, notadamente de aguardente de cana, cajuína e óleos vegetais, artesanato de palha, tecelagem, alumínio e joias, avicultura, bovinocultura de corte e de leite, cajucultura, energia eólica, extrativismo de babaçu, carnaúba e

2 Fazem parte desse território os municípios de: Assunção do Piauí (IDH: 0,499); Boa Hora (IDH: 0,575); Boqueirão do Piauí (IDH: 0,560); Buriti dos Montes (IDH: 0,574); Cabeceiras do Piauí (IDH: 0,583); Campo Maior (IDH: 0,656); Capitão de Campos (IDH: 0,583); Castelo do Piauí (IDH: 0,587); Cocal de Telha (IDH: 0,555); Jatobá do Piauí (IDH: 0,566); Juazeiro do Piauí (IDH: 0,570); Nossa Senhora de Nazaré (IDH: 0,586); Novo Santo Antônio (IDH: 0,528); São João da Serra (IDH: 0,582); São Miguel do Tapuio (IDH: 0,556); e Sigefredo Pacheco (IDH: 0,581).

3 Fazem parte desse território os municípios de: Alvorada do Gurguéia (IDH: 0,578); Avelino Lopes (IDH: 0,554); Barreiras do Piauí (IDH: 0,557); Bom Jesus (IDH: 0,668); Colônia do Gurguéia (IDH: 0,628); Corrente (IDH: 0,642); Cristalândia (IDH: 0,573); Cristino Castro (IDH: 0,566); Curimatá (IDH: 0,607); Currais (IDH: 0,542); Elizeu Martins (IDH: 0,595); Gilbués (IDH: 0,548); Júlio Borges (IDH: 0,582); Manoel Emídio (IDH: 0,573); Monte Alegre do Piauí (IDH: 0,578); Morro Cabeça no Tempo (IDH: 0,542); Palmeira do Piauí (IDH: 0,557); Parnaguá (IDH: 0,575); Redenção do Gurguéia (IDH: 0,589); Riacho Frio (IDH: 0,541); Santa Filomena (IDH: 0,544); Santa Luz (IDH: 0,588); São Gonçalo do Gurguéia (IDH: 0,560) e Sebastião Barros (IDH: 0,536).

4 Fazem parte desse território os municípios de: Acauã (IDH: 0,528); Belém do Piauí (IDH: 0,551); Betânia do Piauí (IDH: 0,489); Caldeirão Grande do Piauí (IDH: 0,588); Caridade do Piauí (IDH: 0,541); Cural Novo do Piauí (IDH: 0,527); Francisco Macêdo (IDH: 0,553); Jacobina do Piauí (IDH: 0,535); Jaicós (IDH: 0,524); Marcolândia (IDH: 0,562); Massapê do Piauí (IDH: 0,525); Padre Marcos (IDH: 0,541); Patos do Piauí (IDH: 0,563); Paulistana (IDH: 0,600); Queimada Nova (IDH: 0,515) e Simões (IDH: 0,575).

5 Fazem parte desse território os municípios de: Barras (IDH: 0,595); Batalha (IDH: 0,545); Brasileira (IDH:

jaborandi, horticultura, indústria do vestuário, mineração de opala, argila, pedras e rochas ornamentais, ovinocaprinocultura, piscicultura, suinocultura e turismo.

Já o território Entre Rios⁶ faz parte da macrorregião Meio Norte, com 19.816 Km² (7,64% do território do Piauí), tendo como potencialidades: agroindústria de aguardente de cana, cajuína, doces, laticínios e óleos vegetais, agronegócio de soja, artesanato, bovinocultura de corte, produção de cana-de-açúcar para açúcar e etanol, comércio de serviços, com forte potencial para saúde e educação, energia hidráulica e bioenergia, extrativismo de babaçu e carnaúba, hortifruticultura, indústria de cerâmica, vestuário, química, bebidas, alimentos e móveis, piscicultura, suinocultura e turismo.

O território Planície Litorânea⁸ faz parte da macrorregião Litoral, com 6.325 Km² (2,44% do território piauiense), tendo como potencialidades: agroindústria de laticínios, bovinocultura de leite, comércio e serviços, energia eólica, fruticultura irrigada, gás e petróleo, ovinocaprinocultura, piscicultura e o turismo.

Já o território Serra da Capivara⁸ faz parte da macrorregião Semiárido, com 25.465 Km² (9,82% do território piauiense), tem potenciais de: agroindústria de doces e geleias, apicultura, artesanato, energia eólica e solar, fruticultura irrigada, mineração, notadamente com minério de ferro e níquel, ovinocaprinocultura e turismo.

O território Tabuleiros do Alto Parnaíba⁹ faz parte da macrorregião Cerrados, com 34.550 Km² (13,33% do território piauiense), tendo como potencialidades: agronegócio (soja e milho), bovinocultura, comércio e serviços, energia hidráulica, eólica e solar, extrativismo de buriti, fruticultura irrigada, gás e petróleo, mineração e piscicultura.

Já o território Vale do Canindé¹⁰ faz parte da macrorregião Semiárido, com 14.290 Km² (5,51% do território piauiense), tendo como potencialidades econômicas: apicultura, notadamente de mel, geleia real e própolis, avicultura, bovinocultura de leite, cajucultura, mineração de argila, ovinocaprinocultura e turismo.

O território Vale do Guaribas¹¹ faz parte da macrorregião Semiárido, com 10.586 Km² (4,08% do território piauiense), tendo como potencialidades econômicas: apicultura, bovinocultura de leite, cajucultura notadamente de cajuína, doce e castanha, comércio e serviços, energia eólica e solar, mineração de calcário e rochas ornamentais e ovinocaprinocultura.

Enquanto isso, o território Vale do Sambito¹³ faz parte da macrorregião Semiárido, com 14.272 Km² (5,51% do território piauiense), tendo como potencialidades econômicas: agroindústria de doces e geleias, laticínios, cajuína e polpa de fruta, avicultura, cajucultura, cana-de-açúcar, extrativismo de buriti, fruticultura

0,577); Campo Largo do Piauí (IDH: 0,528); Domingos Mourão (IDH: 0,550); Esperantina (IDH: 0,605); Joaquim Pires (IDH: 0,522); Joca Marques (IDH: 0,504); Lagoa de São Francisco (IDH: 0,529); Luzilândia (IDH: 0,545); Madeiro (IDH: 0,563); Matias Olímpio (IDH: 0,562); Milton Brandão (IDH: 0,508); Morro do Chapéu do Piauí (IDH: 0,550); Nossa Senhora dos Remédios (IDH: 0,533); Pedro II (IDH: 0,571); Piracuruca (IDH: 0,596); Piri-piri (IDH: 0,635); Porto (IDH: 0,549); São João da Fronteira (IDH: 0,515); São João do Arraial (IDH: 0,523) e São José do Divino (IDH: 0,565).

6 Fazem parte desse território os municípios de: Agricolândia (IDH: 0,599); Água Branca (IDH: 0,639); Alto Longá (IDH: 0,585); Altos (IDH: 0,614); Amarante (IDH: 0,598); Angical do Piauí (IDH: 0,630); Barro Duro (IDH: 0,612); Beneditinos (IDH: 0,557); Coivaras (IDH: 0,565); Curralinhos (IDH: 0,555); Demerval Lobão (IDH: 0,618); Hugo Napoleão (IDH: 0,599); Jardim do Mulato (IDH: 0,593); José de Freitas (IDH: 0,618); Lagoa Alegre (IDH: 0,550); Lagoa do Piauí (IDH: 0,583); Lagoinha do Piauí (IDH: 0,597); Miguel Alves (IDH: 0,539); Miguel Leão (IDH: 0,623); Monsenhor Gil (IDH: 0,615); Nazária (IDH: 0,602); Olha D'Água do Piauí (IDH: 0,576); Palmeirais (IDH: 0,562); Passagem Franca do Piauí (IDH: 0,561); Pau D'Arco do Piauí (IDH: 0,514); Regeneração (IDH: 0,591); Santo Antônio dos Milagres (IDH: 0,619); São Gonçalo do Piauí (IDH: 0,616); São Pedro do Piauí (IDH: 0,595); Teresina (IDH: 0,751) e União (IDH: 0,577).

7 Fazem parte desse território os municípios de: Bom Princípio (IDH: 0,532); Buriti dos Lopes (IDH: 0,565); Cajueiro da Praia (IDH: 0,546); Caraúbas (IDH: 0,505); Caxingó (IDH: 0,488); Cocal (IDH: 0,497); Cocal dos Alves (IDH: 0,498); Ilha Grande (IDH: 0,563); Luís Correia (IDH: 0,541); Murici dos Portelas (IDH: 0,530) e Parnaíba (IDH: 0,687).

8 Fazem parte desse território os municípios de: Bom Princípio (IDH: 0,532); Buriti dos Lopes (IDH: 0,565); Cajueiro da Praia (IDH: 0,546); Caraúbas (IDH: 0,505); Caxingó (IDH:

irrigada, ovinocaprinocultura e turismo.

Finalmente, o território Vale dos Rios Piauí e Itaueira¹⁴ faz parte da macrorregião Cerrados, com 27.293 Km² (10,53% do território piauiense), tendo como potencialidades econômicas: avicultura, bovinocultura de corte, cajucultura, comércio e serviços, energias hidráulica, solar e bioenergia, fruticultura irrigada, gás e petróleo, indústria de produtos químicos e farmacêuticos e turismo.

Esses são os caminhos da Rede, em uma metodologia aberta, que pode ser mudada no decorrer da realização da pesquisa, do que se levantará de seus resultados e, principalmente, de como se dará o combate e a prevenção da pandemia do COVID-19 no Piauí e suas consequências para o estado e seus territórios de desenvolvimento.

4 Cuidando de quem cuida. Pontos e contrapontos do Instagram e do WhatsApp da Rede de Solidariedade de Segurança do Trabalho no Piauí. Ouvir o próximo para combater as fake news e evoluir a solidariedade comunicacional

Acredita-se, e vive-se cientificamente, em metodologias ativas, não como camisas de força, mas como componentes de rumo de uma ideia, mas que a partir da colocação para debate social, possa ser modificada no decorrer do processo.

Assim, trabalha-se com a Rede. Torce-se para a pandemia passar, ser controlada e que venha logo a vacina contra a COVID-19. Que a vacinação seja acessível a todas as populações. Enquanto isso, os trabalhos da Rede permanecem e suas ações científicas e metodológicas seguem os caminhos apontados por Arilda Godoy (1995); Carlos Jung (2004); Cecília Minayo (2009); Cláudio Castro (2006); Fred Kerlinger (1979); Karl Popper (2004); Manoel Barbosa Filho (1978); Pedro Demo (2000) e Pedro Marinho (1980), no sentido de fazer uma ciência com rumos sociais, seguindo os rigores metodológicos. É possível sim fazer Ciências Sociais Aplicadas com rigor, inclusive trabalhando não só com estatísticas, mas também com ações que justifiquem este próprio estudo de caso.

Espera-se, principalmente em termos analíticos, resultados a partir de três pontos básicos: formação da Rede, já implementada; funcionamento da Rede, também feito e em vias de avaliação; herança da Rede, ainda a ser feita devido ao fato de a pandemia não ter se esvaído. Esta última fase só será completa após o controle da pandemia. Ao menos, até o início de agosto de 2020, permanecia o aumento de infecções e mortes, com um longo platô de casos.

Quando pensamos na formação da Rede, pontuamos que ela é instigada com o mapeamento dos territórios de desenvolvimento do

0,488); Cocal (IDH: 0,497); Cocal dos Alves (IDH: 0,498); Ilha Grande (IDH: 0,563); Luís Correia (IDH: 0,541); Murici dos Portelas (IDH: 0,530) e Parnaíba (IDH: 0,687).

8 Fazem parte desse território os municípios de: Anísio de Abreu (IDH: 0,594); Bonfim do Piauí (IDH: 0,542); Campo Alegre do Fidalgo (IDH: 0,537); Capitão Gervásio Oliveira (IDH: 0,553); Caracol (IDH: 0,552); Coronel José Dias (IDH: 0,546); Dirceu Arcoverde (IDH: 0,561); Dom Inocêncio (IDH: 0,549); Fartura do Piauí (IDH: 0,548); Guaribas (IDH: 0,508); João Costa (IDH: 0,561); Jurema (IDH: 0,555); Lagoa do Barro do Piauí (IDH: 0,502); São Braz do Piauí (IDH: 0,596); São João do Piauí (IDH: 0,645); São Lourenço do Piauí (IDH: 0,595); São Raimundo Nonato (IDH: 0,661) e Várzea Branca (IDH: 0,553).

9 Fazem parte desse território os municípios de: Antônio Almeida (IDH: 0,620); Baixa Grande do Ribeiro (IDH: 0,564); Bertolínia (IDH: 0,612); Canavieira (IDH: 0,583); Guadalupe (IDH: 0,650); Jerumenha (IDH: 0,591); Landri Sales (IDH: 0,584); Marcos Parente (IDH: 0,590); Porto Alegre do Piauí (IDH: 0,563); Ribeiro Gonçalves (IDH: 0,601); Sebastião Leal (IDH: 0,562) e Uruçuí (IDH: 0,631).

10 Fazem parte desse território os municípios de: Bela Vista do Piauí (IDH: 0,576); Cajazeiras do Piauí (IDH: 0,562); Campinas do Piauí (IDH: 0,544); Colônia do Piauí (IDH: 0,588); Conceição do Canindé (IDH: 0,589); Floresta do Piauí (IDH: 0,538); Isaias Coelho (IDH: 0,582); Oeiras (IDH: 0,634); Santa Cruz do Piauí (IDH: 0,601); Santa Rosa do Piauí (IDH: 0,567); Santo Inácio do Piauí (IDH: 0,613); São Francisco de Assis do Piauí (IDH: 0,485); São Francisco do Piauí (IDH: 0,570); São João da Varjota (IDH: 0,559); Simplício Mendes (IDH: 0,627); Tanque do Piauí (IDH: 0,579) e Wall Ferraz (IDH: 0,544).

11 Fazem parte desse território os municípios de: Alagoinha do Piauí (IDH: 0,531); Alegrete do Piauí (IDH: 0,585); Aroeiras do Itaim (IDH: 0,519); Bocaina (IDH: 0,632); Campo Grande do Piauí (IDH: 0,560); Dom Expedito Lopes (IDH: 0,601); Francisco Santos (IDH: 0,608);

Piauí; com pré-identificação de possíveis agentes de segurança do trabalho no combate e na prevenção à pandemia nesses territórios de desenvolvimento, com buscas virtuais e por meio de solidariedade de atuações nas redes, vivenciando esses agentes, via sistema de indicação e de mobilização; com a potencialização da Rede, por meio de mensagens instantâneas sobre segurança do trabalho para prevenção e combate ao COVID-19 (as mensagens devem ser enviadas através do aplicativo WhatsApp); com a potencialização dos discursos, da rede de solidariedade e de informações acerca de segurança do trabalho para prevenção e combate ao COVID-19 (via Instagram).

Esta interface trouxe os primeiros resultados, principalmente agregando profissionais de saúde e outras redes de solidariedade ao perfil do Instagram da Rede piauiense. O fortalecimento via aplicativo WhatsApp também foi crucial.

Quando pensamos o funcionamento da Rede, pontuamos que ela proporciona: a agregação de valores, de troca de mensagens, de informação e, principalmente, de uma maior consciência entre os membros de empresas públicas e privadas sobre manuais informais de segurança do trabalho para prevenção e combate ao COVID-19; o mapeamento dos territórios com maior e menor abrangência e participação da Rede; muitos debates na Rede, via grupos de WhatsApp institucionalizados no sentido de troca de expertises locais, regionais, nacionais e até internacionais sobre segurança do trabalho e criação de manual virtual (via Instagram) para prevenção e combate ao COVID-19; a socialização dos resultados de forma científica, social e midiática, visto que bons exemplos podem ser inspiradores para outras partes do País e até do Mundo.

Nota-se, em termos de resultados, em pleno combate à pandemia, que a questão de redes que possam trazer solidariedade e esperança se torna urgente. Com o passar dos dias, das semanas e até dos meses, diante de casos que se multiplicam, são notáveis os esgotamentos físicos e mentais de quem está na linha de frente. Nota-se um aumento da pressão de parte da população para o retorno aos trabalhos e funcionamento normal dos serviços, principalmente pelos que estão mais afetados financeiramente.

Outro ponto a ser levado em conta nos trabalhos da Rede é pensar e agir sobre a questão da contaminação dos profissionais da saúde, já que seus trabalhos têm alto potencial de estresse e exigem uma maior necessidade de visão midiática (no caso da Rede estudada). É preciso mostrar, principalmente, a realidade que esses profissionais vivem, isto é, o que é realmente estar na linha de frente.

Quando pensamos na herança da Rede, decidimos vivenciar e deixar: ferramentas e expertises que ajudem na prevenção de possíveis novas pandemias e, inclusive, no próprio enfrentamento

Fronteiras (IDH: 0,619); Geminiano (IDH: 0,561); Itainópolis (IDH: 0,541); Monsenhor Hipólito (IDH: 0,561); Paquetá (IDH: 0,509); Picos (IDH: 0,698); Pio IX (IDH: 0,564); Santana do Piauí (IDH: 0,574); Santo Antônio de Lisboa (IDH: 0,584); São João da Canabrava (IDH: 0,559); São José do Piauí (IDH: 0,552); São Julião (IDH: 0,594); São Luís do Piauí (IDH: 0,554); Sussuapara (IDH: 0,586); Vera Mendes (IDH: 0,503) e Vila Nova do Piauí (IDH: 0,565).

12 Fazem parte desse território os municípios de: Aroazes (IDH: 0,583); Barra D'Alcântara (IDH: 0,577); Elesbão Veloso (IDH: 0,595); Francinópolis (IDH: 0,564); Inhumas (IDH: 0,624); Ipiranga do Piauí (0,630); Lagoa do Sítio (0,541); Novo Oriente do Piauí (IDH: 0,562); Pimenteiras (IDH: 0,566); Prata do Piauí (IDH: 0,565); Santa Cruz dos Milagres (IDH: 0,577); São Félix do Piauí (IDH: 0,610); São Miguel da Baixa Grande (IDH: 0,563); Valença do Piauí (IDH: 0,647) e Várzea Grande (IDH: 0,571).

13 Fazem parte desse território os municípios de: Aroazes (IDH: 0,583); Barra D'Alcântara (IDH: 0,577); Elesbão Veloso (IDH: 0,595); Francinópolis (IDH: 0,564); Inhumas (IDH: 0,624); Ipiranga do Piauí (0,630); Lagoa do Sítio (0,541); Novo Oriente do Piauí (IDH: 0,562); Pimenteiras (IDH: 0,566); Prata do Piauí (IDH: 0,565); Santa Cruz dos Milagres (IDH: 0,577); São Félix do Piauí (IDH: 0,610); São Miguel da Baixa Grande (IDH: 0,563); Valença do Piauí (IDH: 0,647) e Várzea Grande (IDH: 0,571).

14 Fazem parte desse território os municípios de: Arraial (IDH: 0,560); Brejo do Piauí (IDH: 0,515); Canto do Buriti (IDH: 0,576); Flores do Piauí (IDH: 0,545); Floriano (IDH: 0,700); Francisco Ayres (IDH: 0,577); Itaueira (IDH: 0,583); Nazaré do Piauí (IDH: 0,576); Nova Santa Rita (IDH: 0,554); Paes Landim (IDH: 0,575); Pajeú do Piauí (IDH: 0,559); Pavussu (IDH: 0,526); Pedro Laurentino (IDH: 0,572); Ribeira do Piauí (IDH: 0,520); Rio Grande do Piauí (IDH: 0,572); São José do Peixe (IDH: 0,573); São Miguel do Fidalgo (IDH: 0,525); Socorro do Piauí (IDH: 0,561) e Tamboril do Piauí (IDH: 0,501).

e ação das epidemias já existentes, recorrentemente presentes nos territórios de desenvolvimento do Piauí e possíveis de serem prevenidas e debatidas. Vale ressaltar que se isso é feito em conjunto, sempre há melhores resultados.

O que a Rede já deixa de consequências e reflexões é que há um fluxo muito grande e necessário de informações, principalmente que precisam ser circundantes, para abranger o público ao qual ela se destina, bem como a população em geral, como fontes alternativas e de significação dos atuais esforços para o combate à pandemia.

No perfil da Rede, não se veiculam tratamentos milagrosos, nem questões de querelas político-ideológicas, mas sim da importância do que, cientificamente, está constatado e da questão dos dados por meios oficiais, notadamente acadêmicos.

Nessa interface, começamos os debates a respeito da urgência do próprio combate as fake news. Estas notícias continuam a circundar os ambientes de combate à pandemia e coadunam com o que foi expresso sobre profusão, características e consequências, elencados por: Afonso de Albuquerque (2020); Heitor Pasquim, Marcos Oliveira e Cássia Soares (2020); Hossein Derakhshan e Claire Wardle (2017); Escola Nacional de Saúde Pública (2020); Glayder Guimarães e Michael Silva (2019); Luís Felipe Miguel (2019); Marco Aurélio Ruediger (2019) e Renê Braga (2018).

Novamente, o Instagram tem se mostrado uma ferramenta comunicacional válida por ter alcance fácil, ser rápido e ter uma série de funcionalidades de alto envolvimento para o público-alvo inicial: os profissionais de saúde (diretos e indiretos) no combate à pandemia. As avaliações são dadas, principalmente, via sistema de *stories* para contrariar fake news. No período estudado (final de abril ao início de agosto), houve a média de cinco stories desmentidos por dia. A maioria sobre o fim das vagas de UTI em hospitais do estado e também da reabertura rápida de todas as atividades comerciais. Os pontos balizadores dos desmentidos partem, principalmente, do Governo estadual e das prefeituras das maiores cidades, que têm feito uma comunicação exemplar, ágil em termos do combate às notícias falsas, que permanecem circundantes.

Carece um estudo mais aprofundado sobre a profusão de fake news no Piauí, mas, ao menos em termos de monitoramento de grupos e perfis pessoais do Instagram, notamos que quanto mais a pandemia provoca o isolamento social, mais ele é desrespeitado e muito disso acontece por causa de notícias falsas, advindas principalmente de sites tidos como noticiosos (quase todos nacionais) e compartilhados plenamente pelo WhatsApp, chegando até o Instagram.

Essa constatação é mais uma prova de que um ponto primário de combate as fake news são as tentativas de esclarecimento via

WhatsApp. Uma estratégia é divulgar através dos sites de notícias do estado que há a Rede. Esse trabalho é feito com o envio de material para todos os meios de comunicação do Piauí.

Um próximo passo será trabalhar especificamente as necessidades comunicacionais dos 12 territórios. Até o marco temporal do término deste artigo, via-se que a distribuição proporcional de casos e falecimentos por conta da pandemia no Piauí era disforme, havendo problemas sérios em três territórios, sendo que quatro estavam com bem menos casos, inclusive com várias cidades sem serem atingidas. Entender essas diferenças regionais e colocar seus atores do combate em contato virtual constituem ações que ajudam no processo de cuidar.

Nota-se que a Rede, aos poucos, também vai se agregando a outras redes, tanto do Piauí, quanto fora do estado, na interligação de conhecimentos e expertises, dando suas primeiras respostas empíricas ao bem maior, que é o controle da pandemia.

5 Considerações

Nota-se que cuidar de quem cuida será um dos processos contemporâneos mais urgentes do novo normal, não só em tempos pandêmicos, mas também após eles. A solidariedade, o ouvir, o abraçar (nem que seja, momentaneamente, desaconselhável) fazem parte desse processo e nada mais válido do que fazê-lo virtualmente, em um primeiro momento e, fisicamente, em um segundo momento. Voltar aos princípios básicos dos processos comunicacionais da comunicação pessoal constitui as chaves psicológicas e comunicacionais apontadas no resgate do processo.

As principais contribuições científicas e tecnológicas desta pesquisa vão desde a reflexão do fenômeno, justificando a própria Rede em questão e seus recursos públicos aplicados, bem como no incentivo a entes públicos e privados do Piauí (e respectivos atores), não só em questões de segurança do trabalho durante o combate e a prevenção à pandemia, mas também no fortalecimento de redes de solidariedade e esperança para outras perspectivas atuais, notadamente em consequência à batalha ao atomismo e aos tempos de isolacionismo, determinados pelo próprio isolamento social e as consequências pandêmicas da COVID-19.

Cientificamente, a realização de relatórios de pesquisa, da própria socialização dos materiais em artigos científicos que possam ser apresentados em eventos e também da feitura de e-book, por si só já mostram a importância e a contribuição da proposta ora apresentada.

Em termos tecnológicos, continuam os testes de expertises, condicionamentos e perspectivas de monitoramento via redes

sociotécnicas. Também segue o entendimento de questões analíticas, recomendativas e avaliativas para a construção de manuais e produtos relacionados à pandemia e a outras problemáticas da saúde, de questões sociais do Piauí e do combate as fake news.

Explicamos o fenômeno a partir da própria questão da importância da Rede como elemento colaborativo do cuidar. As ações solidárias instigam mais pontos convergentes que é o combate coletivo e individual da pandemia.

Reflete-se que é pela coletividade que conseguir-se-ão resultados mais efetivos. Se os entes públicos e privados não se unirem em seus respectivos territórios de desenvolvimento e isolamentos municipais, as próprias fake news terão mais protagonismo.

Que este trabalho não seja o fim, mas seja meio de reflexão, ação e vivência de que é preciso cuidar. Que o cuidar seja constante, dissipador, agregador e edificante, que seja refletido não só para as questões pandêmicas, mas também para todas as sociabilidades.

Levando em conta sempre o lado positivo dos fatos, que possamos entender que o voltar a olhar nos olhos, o conversar cara a cara, o abraçar, o se reunir para conversar amenidades e o viajar para um lugar realmente com o intuito de aproveitar e não mais só para fazer álbuns fotográficos façam parte desse normal, juntamente com a valorização de todas as profissões, sejam elas dos médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais, auxiliares de serviços gerais, maqueiros, agentes funerários, coveiros e quem faz os serviços básicos, a fim de garantir o nosso conforto no dia a dia.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso de. **O discurso das fake news e sua implicação comunicacional na política e na ciência**. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 1, n. 14, 2020, p. 184-198.

BARBOSA FILHO, Manoel. **Introdução à pesquisa: métodos, técnicas e instrumentos**. João Pessoa: Universitária da UFPB, 1978.

BRAGA, Renê Moraes da Costa. **A indústria das fake news o discurso de ódio**. IN: PEREIRA, Rodolfo Viana (org.). Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio. Belo Horizonte: IDDE, 2018.

CASTRO, Cláudio de Moura. **A prática da pesquisa**. São Paulo:

Pearson Prentice Hall, 2006.

DERAKHSHAN, Hossein; WARDLE, Claire. **Information disorder: definitions**. IN: Understanding and Addressing the Desinformation Ecosystem. Filadélfia: University of Pennsylvania, 2017.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

DICIONÁRIO DE CAMBRIDGE. **Significado de fake news**. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/fake-news>>. Acesso em: 19 mai. 2020.

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA. **Estudo identifica principais fake news relacionadas à Covid-19**. Disponível em: <<http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/site/materia/detalhe/48963>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, 1995.

GUIMARÃES, Glayder Daywerth Pereira; SILVA, Michael César. **Fake news à luz da responsabilidade civil digital: o surgimento de um novo dano social**. Fortaleza: Revista Jurídica da Faculdade 7 de Setembro, v. 16, n. 2, 2019, p. 99-114.

HOLAN, Angie Drobnic. **2016 Lie of the Year: Fake news**. Disponível em: <<https://www.politifact.com/article/2016/dec/13/2016-lie-year-fake-news/>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Extensão territorial e população total do Piauí**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi.html>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. **Coronavirus Resourch Center**. Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso em: 04 ago. 2020.

JORNAL NACIONAL. **Brasil tem 108 enfermeiros mortos em mais de 4,1 contaminados pelo coronavírus**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/05/12/brasil->

tem-108-enfermeiros-mortos-e-mais-de-41-mil-contaminados-pelo-coronavirus.ghml>. Acesso em: 23 mai. 2020.

JUNG, Carlos Fernando. **Metodologia para pesquisa & desenvolvimento aplicada a novas tecnologias, produtos e processos**. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2004.

KERLINGER, Fred Nichols. **Metodologia da pesquisa em Ciências Sociais: um tratamento conceitual**. São Paulo: EPU, 1979.

MARINHO, Pedro. **A pesquisa em ciências humanas**. Petrópolis: Vozes, 1980.

MIGUEL, Luís Felipe. **Jornalismo, polarização política e a querela das fake news**. Florianópolis: Revista Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 16, n. 2, 2019, p. 46-58.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. IN: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORETZSOHN, Sylvia. **O fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

O GLOBO. **Brasil ultrapassa a marca de cem médicos mortos por Covid-19, dois por dia**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/brasil-ultrapassa-marca-de-cem-medicos-mortos-por-covid-19-dois-por-dia-1-24438369>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Estudo da ONU revela que mundo tem abismo digital de gênero**. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2019/11/1693711>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

PASQUIM, Heitor; OLIVEIRA, Marcos; SOARES, Cássia Baldini. **Fake news sobre drogas: pós-verdade e desinformação**. São Paulo: Revista Saúde e Sociedade, v. 29, n. 2, 2020, pp. 1-13.

PIAUI. **Lei Complementar Nº 87 de 22/08/2007. Estabelece o Planejamento Participativo Territorial para o Desenvolvimento Sustentável do Estado do Piauí e dá outras providências**. Disponível em: <<http://legislacao.pi.gov.br/legislacao/default/ato/13144>>. Acesso em: 18 abr. 2020.

POPPER, Karl R. **A lógica das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

RUEDIGER, Marco Aurélio. **Desinformação nas eleições 2018: o debate sobre fake news no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, DAPP, 2019.

SEPLAN – SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO PIAUÍ. **Territórios de desenvolvimento do Piauí – Mapa de potencialidades**. Disponível em: <http://www.seplan.pi.gov.br/mapa_abril19.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.